



GÊNERO E PEDAGOGIAS CULTURAIS: MULHERES ARTISTAS NAS VISUALIDADES CONTEMPORÂNEAS

Fabiana Lopes de Souza*
Maristani Polidori Zamperetti**

RESUMO

Este texto¹ argumenta sobre a importância da educação crítica das imagens para a compreensão das visualidades contemporâneas, buscando entrelaçar os temas de Cultura Visual, Artes Visuais e Gênero. A fundamentação teórica se baseia em Hall (2005), que trata das questões de identidade cultural na perspectiva de um mundo pós-moderno; Hernández (2000; 2007) aborda sobre a necessidade dos estudos da cultura visual para a análise crítica e estética das imagens, e Louro (2014) analisa a produção das diferenças e das desigualdades sexuais e de gênero. Dessa forma, visa-se ampliar os entendimentos sobre os espaços e as maneiras como a cultura se manifesta produzindo ideias e concepções de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: Artes Visuais. Cultura Visual. Educação. Gênero.

GENDER AND CULTURAL PEDAGOGIES – ARTISTIC WOMEN IN CONTEMPORARY VISUALITIES

ABSTRACT

This text argues about the importance of critical education of images for the understanding of contemporary visualities, seeking to intertwine the themes of Visual Culture, Visual Arts and Gender. The theoretical foundation is based on Hall (2005), which deals with issues of cultural identity from the perspective of a postmodern world; Hernández (2000; 2007) addresses the need for studies of visual culture for the critical and aesthetic analysis of images and Louro (2014), who analyzes the production of sexual and gender differences and inequalities. Thus, the aim is to broaden the understanding of spaces and the ways in which culture manifests itself, producing ideas and concepts of being and being in the world.

Keywords: Visual Arts; Visual Culture; Education. Gender.

* Professora de Artes Visuais na rede municipal da cidade de Pelotas/RS; Mestre em Artes Visuais (Centro de Artes-UFPEL); Doutoranda do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas e Bolsista CAPES.

** Doutora e Mestre em Educação (PPGE/FaE/UFPel). Professora Associada no Centro de Artes e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FaE/UFPel), na Linha de Pesquisa “Formação de Professores: Ensino, Processos e Práticas Educativas”. Coordenadora do Projeto Artes Visuais do Pibid/UFPel (2014-2017). Líder do Grupo de Pesquisa: Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (CNPQ).

¹ O presente artigo foi ampliado e revisado a partir de apresentação oral e publicação nos Anais do I Congresso Internacional de Pesquisa em Cultura e Sociedade, realizado na Universidade Federal de Pelotas, em abril de 2018.

GÉNERO Y PEDAGOGÍAS CULTURALES – MUJERES ARTÍSTICAS EN VISUALIDADES CONTEMPORÁNEAS

RESUMEN

Este texto argumenta sobre la importancia de la educación crítica de las imágenes para la comprensión de las visualidades contemporáneas, buscando entrelazar los temas de Cultura Visual, Artes Visuales y Género. La base teórica se basa en Hall (2005), que trata temas de identidad cultural desde la perspectiva de un mundo posmoderno; Hernández (2000; 2007) aborda la necesidad de estudios de cultura visual para el análisis crítico y estético de imágenes y Louro (2014), quien analiza la producción de diferencias y desigualdades sexuales y de género. Por lo tanto, el objetivo es ampliar la comprensión de los espacios y las formas en que la cultura se manifiesta, produciendo ideas y conceptos de ser y estar en el mundo.

Palabras clave: Artes Visuales. Cultura Visual. Educación. Género.

CULTURA VISUAL E EDUCAÇÃO MEDIADA POR IMAGENS

A contemporaneidade é intensamente marcada por imagens, objetos e produtos de consumo que atraem e chamam atenção das pessoas; estas, por sua vez, acabam passando por um processo de identificação com esses artefatos.

De acordo com Hall, quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de diferentes produtos e situações, como as imagens midiáticas, o acesso a diversos países e os sistemas de comunicação interligados em nível mundial, “mais as identidades se tornam desvinculadas [e] desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (2005, p.75).

Objetos e artefatos visuais estão diretamente ligados à formação identitária de adultos, adolescentes e crianças, cuja influência para a obtenção desses objetos e artefatos é estimulada, diariamente, através de anúncios, propagandas e outros meios de comunicação. Com isso, destaca-se a necessidade dos estudos sobre a cultura visual, emergentes dos Estudos Culturais para uma melhor compreensão do mundo globalizado e das relações que se estabelecem entre os sujeitos a partir destas interações.

O *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham (Reino Unido) possibilitou o início dos Estudos Culturais no ano de 1964. Uma definição para o termo, de acordo com os autores Nelson, Treischler e Grossberg (2005, p.13), é de que os Estudos Culturais constituem um “[...] campo interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra-disciplinar que atua na tensão entre duas tendências para abranger tanto uma concepção ampla, antropológica, de cultura, quanto uma concepção humanística de cultura [que se desenvolveu] a partir de análises das sociedades

industriais modernas. Os autores argumentam que todas as formas culturais precisam ser abordadas em relação a outras práticas culturais, contemplando, da mesma forma, as estruturas sociais e históricas.

Os Estudos Culturais atuam na investigação das práticas e produções culturais e na contribuição destas para a concepção de cultura.

Raymond Williams, E.P Thompson e Richard Hoggart, alguns dos principais autores que contribuíram para a constituição dos Estudos Culturais, sugerem que é possível, através da análise do comportamento de uma sociedade, perceber uma padronização das pessoas em relação à interação social e consumo, atuando na composição desta cultura.

Posteriormente, Stuart Hall, que substituiu Hoggart na direção do CCCS (1969-1979), foi o responsável pelos estudos etnográficos dos meios massivos e das subculturas, produzindo muitos artigos, conforme informa Escosteguy (2010).

A partir destas pesquisas, muitos campos de conhecimento ampliaram seu repertório de análises, voltando-se para os seus próprios estudos, na busca de novas perspectivas teóricas. Assim, a pedagogia foi uma das áreas que, a partir do campo de conhecimento dos Estudos Culturais, teve seu campo ampliado e resignificado. Costa e Andrade (2015) apontam que a aproximação entre Estudos Culturais e Educação ocorreu a partir das relações estabelecidas entre cultura, política e poder. A partir deste cenário, surge o conceito de pedagogias culturais surgiu como uma proposição teórica disposta a proporcionar discussões a respeito dos artefatos da cultura e processos educativos.

Para Giroux (1995), o entendimento de que ocorre pedagogia e processos educativos em todo o lugar em que o conhecimento é produzido e que os saberes resultantes destas situações extrapolam os limites impostos pelas instituições, como a escola, por exemplo, nos leva a compreender a cultura como uma área privilegiada de produção de práticas culturais de significação que podem, porventura, educar.

A partir dos Estudos Culturais, surge a cultura visual, outro campo de estudos derivado dos estudos visuais, o qual, no início dos anos 90, teve os Estados Unidos como espaço de investigação (KNAUSS, 2006)².

A cultura visual é um campo de estudos multidisciplinar que abrange não só as artes, mas também outras áreas de conhecimento, como: a sociologia, a psicologia,

² Knauss (2006) em seu texto “O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual” faz referência a dois livros sobre o campo dos estudos visuais ou da cultura visual para situar historicamente o surgimento do termo cultura visual: ELKINS, James. *Visual studies: essays on verbal and visual representation*. New York/London: Routledge, 2003 e DIKOVITSKAYA, Margaret. *Visual culture: the study of the visual after the cultural turn*. Cambridge, Ms./London: The MIT Press, 2005.

a antropologia, entre outras. Portanto, a cultura visual se configura como um campo amplo e múltiplo, no qual se evidenciam formas e espaços e maneiras como a cultura pode se tornar visibilizada, tornando o visível, cultura. “Corpus de conhecimento emergente, resultante de um esforço acadêmico proveniente de Estudos Culturais, a cultura visual é considerada um campo novo em razão do foco no visual com prioridade da experiência no cotidiano” (MARTINS, 2005, p.135).

Assim, considera-se que os estudos referentes à cultura visual nas artes vão além das visualidades artísticas, procurando investigar, também, as imagens produzidas pela mídia e todas as provenientes da vida cotidiana.

Produzindo sentidos e processos de identificação, as imagens fazem parte da vida das pessoas e do cotidiano escolar, tornando-se visualidades. No ambiente escolar, estudantes, professores e comunidade (funcionários da escola, familiares e demais integrantes) estão expostos às mais variadas formas de visualidades, seja pelos programas de TV, internet, vídeo games, seja por propagandas publicitárias. Além disso, imagens de personagens infantis ou juvenis apresentam-se estampadas nos materiais escolares e roupas dos estudantes e estes passam a identificar-se com as mesmas sem um processo reflexivo. Estas visualidades acabam influenciando as crianças e os adolescentes em suas maneiras de ser e estar no mundo contemporâneo. Com isso, torna-se necessária uma educação para as visualidades.

A importância da decodificação de símbolos e signos presentes nas imagens da cultura visual é ressaltado por Hernández (2000) ao afirmar a necessidade do estudo das mesmas, que podem auxiliar os indivíduos a terem uma melhor percepção sobre si mesmos e sobre o mundo em que estão inseridos. Para o autor, a cultura visual contribui para que os sujeitos constituam representações “[...] sobre si mesmos e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos [...]” (HERNÁNDEZ, 2000, p.52).

Quanto à construção de identidades, percebe-se que a cultura visual atua como transmissora de valores, interferindo nas subjetividades dos sujeitos, como na aquisição de objetos consumidos diariamente por crianças, jovens e adolescentes. Pensando a partir de uma perspectiva educativa, Hernández aponta que os artefatos

[...] da cultura visual que maior presença têm entre os meninos, as meninas e os adolescentes são os que recobrem as paredes dos quartos, as imagens das pastas da escola, as revistas que leem, os programas de televisão a que assistem,

as representações dos grupos musicais, os jogos de computador, suas imagens na Internet, a roupa, seus ícones populares, etc (HERNÁNDEZ, 2000, p.136).

Uma educação baseada nas imagens da cultura visual deve levar em conta as experiências visuais dos estudantes, ajudando-os na compreensão destas visualidades sem interferir nas suas preferências e gostos por determinados objetos e/ou artefatos visuais.

De acordo com Hernández, o propósito da compreensão crítica “[...] e performativa da cultura visual é procurar não destruir o prazer que os estudantes manifestam, mas “explorá-lo para encontrar novas e diferentes formas de desfrute” (HERNÁNDEZ, 2007, p.71), ofertando aos alunos diversas formas de leituras e produções de “textos”, de imagens e de artefatos tecnológicos. Desta forma, o professor de Artes Visuais será mediador e provocador no processo educativo com o estudo das imagens da cultura visual, ajudando o aluno a adquirir novos conhecimentos, possibilitando a este atribuir novos sentidos e significados às visualidades presentes na vida cotidiana. As imagens são importantes para promover o olhar crítico e estético dos estudantes.

Assim, é possível concordar com Hernández ao afirmar a necessidade de atentar ao fato de

[...]que uma das maneiras mais notórias pelas quais as mídias, as representações e as práticas da cultura visual posicionam crianças e jovens é através dos “textos” da cultura popular, em particular dos que tendem a criar identidades de etnia, gênero, sexo e consumidor (HERNÁNDEZ, 2007, p.74).

As relações estabelecidas com o universo visual, imagens midiáticas e de consumo, como também a inter-relação entre as pessoas proporcionam modificações identitárias. Hoje, o acesso às imagens ocorre, primordialmente, pelos meios tecnológicos de informação e comunicação. É possível perceber, na contemporaneidade, crianças, adolescentes, jovens e adultos conectados o tempo todo à internet com seus *smartphones*, *tablets*, computadores e *notebooks*, isso sem falar nos programas de TV, jogos de computadores, entre outros. Nesse sentido, é importante considerar que os *smartphones* estão presentes na escola, participando da cultura escolar e promovendo possibilidades de práticas pedagógicas inovadoras, construindo a escola como lugar de participação e constituição de culturas, em meio às transformações contemporâneas (SOUZA; ZAMPERETTI, 2019).

Hernández, pensando sobre a presença dos dispositivos visuais e tecnologias da representação, como as artes visuais, afirma que a “nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências críticas reflexivas” (2007, p.25). Além do estudo das imagens

da cultura visual contemporânea nas aulas de Artes Visuais, os estudantes poderão compreender o quanto estas imagens podem influenciá-los sobre seus comportamentos e na construção de suas identidades.

Refletindo sobre a construção de identidades, Meyer (2013) sustenta que os indivíduos aprendem desde cedo a ocupar e reconhecer seus lugares sociais de forma naturalizada, por isso a autora afirma que trabalhar com o conceito de pedagogias culturais resultantes das noções de educação e educativo abrange forças e processos que incluem a família e a escolarização, sem limitar-se às mesmas. Para a autora, os meios de comunicação de massa, os jogos eletrônicos e demais brinquedos, assim como o cinema e a música,

[...] a literatura, os chamados grupos de iguais, os quais produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver o gênero e a sexualidade, de conceber e de se relacionar com autoridades instituídas, de conhecer o eu e o outro, e que redefinem mesmo os modos com que temos teorizado o currículo, o ser professor, o ser aluno e os processos de ensino e aprendizagem (MEYER, 2013, p.24).

Portanto, é imprescindível o questionamento sobre as imagens e demais artefatos midiáticos, pois estes produzem maneiras de ser e estar na sociedade, ocasionando modificações culturais que chegam à educação e a demais instituições sociais.

GÊNERO – BREVES CONCEPÇÕES

Processos de reconhecimento do eu e do outro, reprodução de comportamentos e modos de ser que incluem gênero e sexualidade, entre outros, instituídos não só pela família e escola, mas pelos demais grupos sociais, são partilhados pelos sujeitos, em meio às transformações contemporâneas. A partir de referências pós-estruturalistas, Louro (2014) analisa a produção das diferenças e das desigualdades sexuais e de gênero articulando com outras questões sociais, como: classe, raça e etnia.

O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas, implicando símbolos culturalmente construídos e conceitos normativos que interpretam estes símbolos. Gênero é uma forma de indicar “construções culturais”, em que a instituição social

[...] de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. [Enfatiza] todo um sistema

de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade (SCOTT, 1995, p.75-6).

Ainda sobre gênero, Butler (2007) causa questionamentos ao tratar das identidades sexuais não como algo natural ou dado, mas como o resultado de práticas repetidas, discursivas e performativas de gênero – uma invenção cultural. A construção das identidades femininas e masculinas acontece a partir das relações, representações e práticas sociais, com isso, o conceito de gênero “[...] passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” (LOURO, 2014, p. 27).

Em relação à construção escolar das diferenças, Louro discute como a escola produz as diferenças e desigualdades entre os sujeitos, classificando-os de uma maneira hierárquica. “A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas” (LOURO, 2014, p.61). Dessa forma, a escola institui modelos, maneiras de ser e estar em seu espaço, demarcando diferenças. Tudo o que a escola apresenta aos sujeitos acaba produzindo múltiplos sentidos para os mesmos, por isso, de acordo com a autora, [o]s sentidos necessitam estar instigados à capacidade de

[...] ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças (LOURO, 2014, p.63).

É preciso estar atento e perceber cada detalhe do cotidiano escolar, porém cada pessoa terá um olhar e uma maneira diferente de estabelecer sentidos ao que foi percebido ou experienciado por ela. Tempo e espaço foram aprendidos e interiorizados por diferentes grupos sociais ao longo da história e, assim, suas concepções tornaram-se “naturais”; a escola é um destes espaços em que os sentidos são treinados e considerados como “naturais”, por isso, é sempre importante desconfiar do que é tomado como “natural”.

A escola, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos, também fabrica sujeitos e produz identidades, sejam elas de gênero, classe ou etnia; e estas identidades são produzidas através de relações de desigualdade (LOURO, 2014). Ao se tratar de sexualidade e espaço escolar, aqueles que não se encaixam dentro da normativa heterossexual quanto ao ser masculino e feminino, não são percebidos ou são tratados como problemas.

Ainda sobre diferenças, a partir da perspectiva dos estudos culturais, Silva argumenta que identidade e diferença são cultural e socialmente produzidas, por isso precisam ser questionadas. Segundo Silva, “[a] identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não vivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2012, p.81).

Desta forma, relações de poder demarcam as diferenças, dividindo, classificando, incluindo e excluindo os sujeitos em determinados grupos sociais e culturais. É preciso questionar a maneira pela qual identidade e diferença se constituem, especialmente em relação à “normalidade”, palavra bastante discutida quanto ao seu significado.

VISUALIDADES, ARTE E GÊNERO

A área da cultura e das artes visuais é, ainda, uma atividade dominada e reconhecida pela presença dos homens. Embora este fato possa estar em constante debate, é notável a maior incidência da divulgação de imagens e obras artísticas criadas por homens. As mulheres, provavelmente devido à sua aparição como modelos de desenhos, pinturas, gravuras e outras artes, são mais reconhecidas por serem retratadas e menos como protagonistas e autoras destas.

Somente a partir dos anos 60, com o movimento feminista, é que surgem autoras discutindo o papel da mulher na sociedade; e é este fato que ocasiona, também, mudanças na vida das mulheres artistas, que começam a produzir obras que buscam ressaltar questões próprias ao sexo feminino. Na época, a arte dessas mulheres passa a ser reconhecida como arte feminista, visto que produz visibilidade e busca reivindicar direitos para as mulheres.

Assim, segundo Grosenick, as mulheres começam a exigir participação nos museus e na história da arte, organizando-se a partir da montagem de suas próprias exposições de arte, dirigindo “[...] suas próprias galerias e a da[ndo] aulas particulares. Foi a forma encontrada para burlar as estruturas ainda dominadas pelos homens e colocar como tema central o feminino, a perspectiva deste” (2003, p.15).

Dentre diversas artistas brasileiras contemporâneas, destacamos duas que trabalham com temáticas de gênero e/ou sexualidade.

A artista Anna Maria Maiolino, nascida na Itália em 1942, apresenta, em suas obras, questões relativas a pertencimento, à subjetividade e a feminino. Produziu a obra

“Por um fio” (1976), a qual faz parte de uma longa série chamada “Fotopoemação”, iniciada nos anos 1970, em que atos performativos são captados a partir de fotografias.

Em “Por um fio”, Anna Maria encontra-se ao centro de sua mãe e sua filha (Fig. 1). Três gerações ligadas por um fio de macarrão que pode simbolizar a tradição italiana e a genealogia feminina.

Questões identitárias também podem estar presentes na obra. Embora a artista tenha nascido na Itália, mudou-se para o Brasil e desenvolveu toda a sua produção artística, adotando sua nacionalidade em 1968 (CARRION, 2018).

FIGURA 1 – “Por Um Fio” (1976).



Fonte: CARRION, 2018.

Outra artista que trata de questões de gênero em suas obras é Rosana Paulino. Nascida em São Paulo em 1967, a artista produz obras ligadas a questões sociais, étnicas e de gênero. Paulino utiliza linhas e agulhas, tecidos e objetos “banais” para elaboração de suas obras (Fig. 2). A artista afirma que “o fio que torce, puxa, modifica o formato do rosto, produzindo bocas que não gritam, dando nós na garganta. Olhos costurados, fechados para o mundo e, principalmente, para sua condição de mundo” (PAULINO, 1997 apud TVARDOVSKAS, 2010).

FIGURA 2 – Série Bastidores, 1997, imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura, 30cm.



Fonte:Acervo da artista, 2018.

Na série Bastidores, a artista apresenta a condição da mulher negra na sociedade brasileira a partir de imagens que expressam uma supressão de seus direitos. Questões de gênero e de etnia são demonstradas na série, na qual a artista procura expressar o machismo e o racismo que ainda oprimem muitas mulheres brasileiras (PIMENTEL, 2018).

Desta forma, em seus trabalhos, é apresentada uma expansão no campo das artes visuais, apresentando obras que transitam entre a escultura e o objeto, a gravura, a fotografia e a pintura, e, mesmo, revela-se em instalações-performance, buscando inserir, nestas variadas linguagens artísticas, o cotidiano da mulher brasileira, por meio da utilização de objetos simples, de uso doméstico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos argumentar a favor de uma educação crítica das imagens, no sentido de ampliar a compreensão das visualidades que nos cercam cotidianamente.

É importante destacar que a escola, ao mesmo tempo em que propõe a difusão de conhecimentos, também opera no sentido de produção de sujeitos e identidades – de gênero, classe ou etnia – em contextos de relações de desigualdade.

Assim, é fundamental o questionamento sobre a presença do feminino na área da cultura e das artes visuais, pois é ainda dominada, predominantemente, pela visão masculina, em função do maior destaque dado à produção de artistas homens, em toda história da arte ocidental, em especial. Historicamente, as mulheres têm aparecido como modelos, sendo retratadas nas obras de arte, e não como protagonistas dos fazeres artísticos.

Portanto, o conhecimento das artistas mulheres, em especial, pode favorecer uma nova apreensão das visualidades contemporâneas, buscando superar as desigualdades de gênero.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**. Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63 maio/ago. 2015, p. 48-63.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero** – feminismo e subversão da identidade. 9ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CARRION, Caroline. **Ana Maria Maiolino**. Disponível em: <http://www.artequacontece.com.br/anna-maria-maiolino/> Acesso em: 13/05/2018.
- ESCOSTEGUY, Ana C. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos culturais?** 4ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 133-166.
- GIROUX, Henry. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, T.T (Org.). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 3ed. p. 131-159. Petrópolis: Vozes.1995.
- GROSENICK, U. (2003), **Mulheres Artistas: século XX e XXI**. Taschen, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual** – Mudança Educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual** – proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **Artcultura – Revista do Instituto de História da UFU**. Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MAIOLINO, Ana Maria. Disponível em: <<http://soulart.org/artes/5-mulheres-brasileiras-que-retratam-o-machismo-nas-artes-visuais>> Acesso em: 13/05/2019.
- MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: OLIVEIRA, Marilda De Oliveira; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: editora UFSM, 2005. p. 133-145.
- MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 9ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-29.
- NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma Introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na Sala De Aula** – Uma introdução aos estudos culturais em educação. 6ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-34.
- PAULINO, Rosana. **Série Bastidores, 1997, imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura, 30cm**. Disponível em: <<http://www.rosanapaulino.com.br/trabalhos-2/>> Acesso em: 13/05/2019.
- PAULINO, Rosana. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.rosanapaulino.com.br/biografia/>> Acesso em: 13/05/2019.
- PIMENTEL, Jonas. **Rosana Paulino: a mulher negra na arte**. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/Rosana-Paulino-a-mulher-negra-na-arte>> Acesso em: 13/05/2019.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 11ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 73-102.

SOUZA, Fabiana L. de; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. **Smartphone e Artes Visuais**: a fotografia na sala de aula. In: E-Book do I Simpósio Internacional de Tecnologias Digitais na Educação / IV Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação [recurso eletrônico]. 1 ed. São Luís: EDUFMA, 2019, p. 1057-1071.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. Rosana Paulino: “é tão fácil ser feliz?”. **Revista Gênero**. Niterói, v. 10, n. 2, p. 235-256, 2010. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/25>> Acesso em: 13/05/2019.